

Marcando presença

Ainda sem candidato definitivo à própria sucessão, o presidente Fernando Henrique Cardoso anda, com essa história de candidatura presidencial, reproduzindo os movimentos daquela brincadeira infantil em que a bola é jogada entre os participantes enquanto um deles fica *no bobinho* correndo atarantado de um lado para o outro tentando agarrá-la.

É mais ou menos isso que o governo faz há uns seis meses: joga a bola das candidaturas para todos os lados e nós, aqui *no bobinho*, ficamos a morder todas as iscas enquanto o grupo político que detém o poder garante seu espaço no debate da sucessão sem a desgastante obrigação de apresentar um candidato.

Uma hora é Mário Covas, que conta com a preferência do presidente, que faz questão de proclamar a obviedade segundo a qual se o PSDB apoiar Covas ele, FH, também apoiará, como se fosse cabível declaração em sentido oposto.

Outra hora é Pedro Malan, que recebe um gás – sempre bem disfarçado, é verdade – para que se pense que ele é o real substituto dos sonhos de Fernando Henrique, pois lhe reproduziria os passos rumo ao palácio via estabilidade econômica.

Há momentos em que todos asseguram estar perfeitamente cientes das preferências presidenciais: é Tasso Jereissati, e quem não apostar nisso está muito mal-informado. Inclusive porque Fernando Henrique em pessoa trata de dizer que Tasso é candidato.

São muitos também aqueles períodos – como no caso do atual – em que José Serra assume a feição do predileto. E aí, tudo o que o ministro da Saúde faça ou diga serve de comprovação inequívoca de que não há mais dúvidas, é ele mesmo o escolhido.

E como fonte de todas essas versões, o Palácio do Planalto – aí compreendidos o presidente, assessores mais próximos e confiáveis e até ministros com assento na Esplanada – às vezes chega a requintes de crueldade: recentemente fez circular a *informação* de que o ex-secretário-geral da presidência Eduardo Jorge havia sido encarregado pelo presidente de articular a montagem da candidatura Tasso.

O que, evidentemente, só guarda relação com as artimanhas das ironias.

E para que não nos afastemos delas, existe outra versão, também recente, que reza estar o presidente absolutamente descontente com Serra, Malan e Covas, centrando agora outra vez todas as suas atenções eleitorais em Pedro Malan.

Com tudo isso, o governo acaba conseguindo exatamente o que quer: manter o campo oficial no jogo da sucessão, marcando presença, ocupando todos os espaços.

Basta ver que todo o debate tem se dado em torno das candidaturas governistas. Ora, com o presidente de popularidade baixa, governo mal-avaliado e insatisfação difusa espalhando má vontade generalizada, o natural seria que estivéssemos todos discutindo as candidaturas de oposição.

Na segunda metade do governo José Sarney, por exemplo, era isso que acontecia. O presidente absteve-se de entrar na discussão ou de apoiar quem quer que fosse e o oficialismo ficou fora do jogo.

Agora ocorre exatamente o contrário. Se há pecado, é pelo excesso. E é exatamente esta a impressão que interessa ao governo passar à opinião pública: a de que ao campo que detém o poder não faltam quadros capazes de dirigir o país, enquanto à oposição resta mais uma vez a alternativa cansada de Lula ou a opção ainda não consolidada de Ciro Gomes.

Mas se a gente for ver bem, se firmarmos a vista, veremos que o governo não tem candidato algum, não conta ainda com ninguém em quem se possam apostar as fichas se não da certeza, pelo menos do entusiasmo.

E neste jogo de vaivém, a cada hora também surge versão diferente a respeito do que pensa o presidente da República sobre o momento certo de lançar o candidato.

Primeiro – há coisa de seis meses – Fernando Henrique queria ver essa discussão adiada para o início de 2002. Depois, há cerca de dois meses, dizia – como afirmou num almoço com o comando da redação do **JB** – que o nome deveria estar a postos já no início de 2001, logo após a eleição das novas mesas diretoras da Câmara e do Senado.

Tanto que o ministro da Educação, que tinha ouvido as duas versões de FH, saiu repetindo a mais recente há mais ou menos 15 dias, e teve problemas porque não sabia que mesmo esta já havia sofrido nova alteração.

Semana passada voltou tudo ao que a antiga musa cantava. Agora ficou combinado que o presidente quer candidato só no ano eleitoral propriamente dito. O que evidentemente não impede que o desejo expresso venha a ser outro daqui a um mês ou dois.

Tudo com o único e exclusivo objetivo de ganhar tempo e ocupar espaço enquanto seu lobo não vem. Que, no caso, seria um adversário firme e forte de oposição. Por exemplo: se Ciro Gomes se consolidar verdadeiramente na sociedade – e não apenas aparecer em primeiro lugar nas pesquisas –, recebendo apoios significativos de setores importantes e aporte financeiro do empresariado, o candidato oficial será antecipado.

Caso contrário, o governo fará mesmo uma certa cera até 2002.

O governo incentiva candidaturas ainda inexistentes para ocupar espaço no debate da sucessão